

O JAPÃO, PEARL HARBOR E A SAGA DO ALMIRANTE KIMMEL

Parte XI – A política externa de Franklin D. Roosevelt

MÁRIO JORGE DA FONSECA HERMES
Almirante-de-Esquadra (Ref^o)

SUMÁRIO

- A recuperação da Nação
- A política externa norte-americana
- O comunismo soviético, o fascismo de Mussolini, o nacional-socialismo de Hitler e o militarismo japonês
 - *A política econômica soviética*
 - *A política na Itália fascista*
 - *A ascensão da Alemanha nazista*
 - A ocupação da Renânia
 - A atuação de Hitler
 - *O militarismo japonês*
- A reação da América
- Roosevelt toma posição ostensiva ao lado das democracias
- O auxílio à Inglaterra
- Franklin Roosevelt e as Forças Armadas

A RECUPERAÇÃO DA NAÇÃO

A bolsa de Nova York, com o pânico generalizado ocorrido na famosa “sexta-feira negra” de 24 de outubro de 1929, quando 13 milhões de ações foram trocadas de mãos, foi o início da grande

quebra, apesar de comunicados otimistas dos grandes banqueiros e do governo.

“O Presidente Hoover tentava exorcizar a crise com pronunciamentos à nação: ‘Qualquer falta de confiança... nas forças básicas dos negócios... é tolice’ (novembro de 1929). ‘Os negócios e a indústria

havam dobrado a esquina' (janeiro de 1930). 'Já passamos o pior' (1^o de maio de 1930). Em 28 de junho, quando os preços das *commodities* agrícolas haviam atingido os mais baixos patamares, o secretário do Trabalho, James J. Davis, brindou os americanos com esta jóia: 'Coragem e recursos já estão nos levando de volta ao caminho da recuperação. E nós temos a fortuna de possuímos um presidente que nos dá um brilhante exemplo desta coragem e iniciativa'.¹

Mas a verdade foi que Hoover, prisioneiro de sua crença inabalável na filosofia do *laissez-faire*, que o induzia ao pensamento de que a natureza se encarregaria de solucionar o gravíssimo problema e de que qualquer intervenção governamental seria a ruína total, levou os Estados Unidos, após o desastre da bolsa de Nova York, à terrível depressão, que, verdadeiramente, contornada pelos esforços do New Deal, somente teve seu término com o início da Segunda Guerra e o pleno emprego dela resultante.

Assinala Morison com eloquência: "Nós [americanos] devemos admiração, mas também compadecermos-nos com o povo mais modesto da América que sofreu de modo tão opressivo durante a depressão. Muitos, pelos meados de 1932, estavam irados e desesperados, porém ainda mantinham a fé em seu país e nas instituições; surpreendentemente poucos ouviram as vozes estranhas que diziam a eles que o fascismo de Mussolini ou o comunismo de Moscou constituíam-se na única resposta. Eles estavam apenas esperando por um líder para mostrar-lhes o caminho a seguir."²

E esse homem, um parafítico, apareceu em uma cadeira de rodas para, com o sorriso largo e palavras firmes e otimistas, trazer a confiança de que a nação necessitava.

"A crise de Wall Street, seguida da grande depressão contra a qual se debatiam os norte-americanos e que o New Deal procurava enfrentar com as reformas e as medidas tomadas por Roosevelt, contribuiu para afastá-los da política internacional."³

A POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA

"O primeiro golpe desferido contra a Liga das Nações ocorreu em setembro de 1931, na época em que os EUA tentavam escapar das areias movediças da recessão. (...) O Japão aproveitou aquele momento. No dia 18 de setembro, o General Senjuro Hayashi, em represália contra terroristas que haviam colocado uma bomba na via férrea próximo a Mukden, invadiu a Manchúria com seus exércitos procedentes da Coreia e rapidamente acabou com a resistência de uma China dividida em várias facções. Seu governo recorreu à Liga das Nações, mas nem por isso o Japão deixou de ocupar a região, que em 9 de março de 1932 transformou-se em um império fantasma com o nome de Manchukuo e colocou no trono o último descendente da dinastia manchú Pu Yi."⁴

A Liga das Nações enviou uma comissão à China, condenou e desautorizou o comportamento japonês. O Japão, em resposta, abandonou-a e tornou-se livre para continuar sua política imperialista.

"Os EUA uniram-se aos protestos da Liga das Nações com o respaldo contido no Direito Internacional, que o Japão ignorara com desenvoltura. Em Tóquio, o governo liberal fora derrubado e substituído no poder por um gabinete xenófobo, imperialista e antiamericano. Denunciou o Tratado Naval de Washington com sua famo-

¹ N.A.- Os números da *RMB* 07/09 e 10/12, de jul/set e out/dez de 2003, pgs. 41 e 31, respectivamente, apresentam, com algum detalhe, a evolução do expansionismo japonês até a criação do Manchukuo.

sa relação 5-5-3, passou a aumentar sua esquadra e proclamou que a China fazia parte da esfera de influência nipônica.”^{5*}

Tanto Hoover quanto Roosevelt não viam com bons olhos o pouco que os EUA possuíam além de suas fronteiras. Hoover iniciou a retirada das tropas das Filipinas, e Roosevelt reconheceria a independência do arquipélago, onde a América conservaria apenas umas poucas bases. Os acordos da intervenção militar em Cuba foram anulados e, em 1936, repatriados os contingentes militares americanos; somente Guantânamo permaneceu como base americana. O mesmo aconteceu com o Panamá, e São Domingos já caminhava para sua independência.

“Roosevelt declarou repetidas vezes que os EUA eram ‘contrários a toda forma de intervenção militar’ e limitou-se a enviar ao Japão tão-somente os protestos oficiais pró-forma. (...) Democratas e republicanos estavam de acordo em que as aventuras além-fronteira sempre significaram gravames ao contribuinte.”⁶

Após a Primeira Guerra, com a paz trazendo muitas decepções ao povo americano, os EUA retornaram com mais ênfase a sua postura isolacionista. A prova mais cabal encontrava-se, sem dúvida, na negativa do Congresso, nos idos de 1920, de que os EUA fizessem parte da Liga das Nações – que o Presidente Wilson praticamente impusera ao mundo, o que a tornou desacreditada desde o seu início. Porém a ausência americana, àquela época, do cenário mundial não poderia trazer boas conseqüências. Os americanos, por seu turno, estavam muito bem, não precisavam de outros países para desfrutar de sua riqueza. Enquanto os norte-

americanos nela se encastelavam, se isolavam, o mundo continuava a mover-se em sua previsível órbita em torno do Sol, mas sempre em movimento. Ocorre que os movimentos dos que nele habitam, os chamados movimentos sociais, sempre foram imprevisíveis e de quase impossível avaliação prospectiva em seu nascedouro. Assim, enquanto os EUA, egoisticamente, se embeveciam e desfrutavam o “sonho americano”, homens especiosos surgiram na Rússia, Itália, Alemanha e Japão e modificariam completamente a história da primeira metade do século XX, quicá de todo o século. E outros, na França e Inglaterra, projetos de governantes, emasculados, ajudavam aqueles a trilhar seus desígnios.

O COMUNISMO SOVIÉTICO, O FASCISMO DE MUSSOLINI, O NACIONAL SOCIALISMO DE HITLER E O MILITARISMO JAPONÊS

As bases para a ocorrência da Segunda Guerra tornavam-se claras a partir de 1933

As bases para a ocorrência da Segunda Guerra tornavam-se claras a partir de 1933. “Para povos que haviam submergido pela derrota e/ou da frustração, pressão econômica ou uma longa história de tirania, duas novas ideologias totalitárias

– o comunismo e o fascismo – prometiam elevados níveis de vida e a renovação de poder e prestígio.”⁷

Ditaduras não se constituíam em novidades. Poderiam ser chamadas de governos autoritários. Em certos aspectos eram muito fortes. Mas desde que o povo se submetesse pacificamente, pagasse seus impostos e servisse nos exércitos, teria liberdade para viver outras facetas de sua

* N.A. - Ver RMB jan/mar e jul/set 2004, pgs. 37 e 38, respectivamente, que cobre o expansionismo japonês até a assinatura da Aliança Tripartite, e o início da Segunda Guerra.

vida. Pequenos descontentamentos eram tolerados, desde que as palavras não começassem a transformar-se em ações contrárias ao governo.

Os ditadores totalitários eram diferentes, uma vez que exerciam o controle total sobre a sociedade. Tudo era supervisionado pelo Estado. Nada na vida do cidadão era deixado de lado. Ele não se submetia apenas em questões políticas, religiosas ou econômicas. Mas na sua vida privada, sua educação e nos divertimentos eram rigorosamente supervisionados. Mesmo a música e os filmes cinematográficos eram determinados pelo Estado. Mais ainda, os cidadãos deveriam demonstrar entusiasmo pelo regime.

“Na prática, as duas ideologias totalitárias do século XX, fascismo e comunismo, tinham muitas semelhanças. Isto é verdadeiro mesmo na economia; embora o fascismo reivindicasse ser capitalista e o comunismo alegasse ser socialista, os sistemas econômicos de ambos eram na realidade estatizantes. O comunismo soviético pregava ser a ditadura do proletariado; quanto ao fascismo, dizia-se ser uma elite que governava em nome do povo. Ambos afirmavam-se democráticos e diziam seguir a verdadeira vontade do povo.”⁸

A política econômica soviética

“O marxismo enuncia em seu credo: ‘de cada um de acordo com sua habilidade, para cada um de acordo com sua necessidade’. A Rússia soviética modificou-o: ‘cada um de acordo com seu trabalho’, o que curiosamente é a regra dos países capitalistas. (...) O capital para a expansão da URSS provinha do Estado. O Oeste construiu sua economia durante séculos enfrentando dificuldades e economizando; a **União Soviética construiu-a em uma geração, arregimentando o povo e recursos, além**

de valer-se de comercializar trigo por máquinas, com a consequência de que milhões morreram de fome.”⁹

O líder da revolução comunista, Wladimir Ilich Ulyanov (1870-1924), ficou conhecido por seu pseudônimo – Nikolai Lênin. Idealizou a doutrina da revolução comunista em âmbito mundial, o leninismo, que se encaixava perfeitamente com o sempre presente imperialismo russo. A revolução mundial tornou-se dogma de fé para os leninistas. A filosofia do marxismo-leninismo espalhou-se rapidamente pelo mundo. Os partidos comunistas nos diversos países foram unidos no Movimento Comunista Internacional, ou Comintern, sob o controle da Rússia, naturalmente.

“Após a morte de Lênin, assumiu o poder Josef Stalin (1879-1953), nascido Josef Vissarionovich Dzhugashvili, secretário-geral do Partido Comunista, nascido na Geórgia, e que galgou as posições no partido eliminando seus “camaradas”.

Proclamou o abandono da doutrina da revolução mundial e concentrou-se em fazer da Rússia uma potência mundial. Os eventos ocorridos logo após o término da Segunda Guerra mostrariam, todavia, que Stalin não abandonara o grande objetivo da Rússia”¹⁰, naquele momento dita comunista.



“A despeito do medo que os americanos sentiam do comunismo, tornou-se claro, na década de 30, que o governo soviético encontrava-se estabilizado e que recusar-se a reconhecê-lo significaria ignorar os fatos. As discussões foram iniciadas em 1933, e a 16 de novembro os EUA estabeleceram relações diplomáticas com a URSS. Foi acordado que os soviéticos cessariam com sua propaganda nos EUA e que a questão das dívidas do governo czarista seria resolvida por meio de

negociação e que seria assinado um tratado comercial; embora o comércio russo-americano aumentasse, ele não se tornou importante. Com o argumento de que os EUA não manteriam a promessa de prorrogar os prazos relativos aos créditos, a URSS prolongou as negociações sobre seus débitos até que finalmente eles foram esquecidos. A propaganda vermelha na América não deixou de existir um momento sequer”.¹¹

A política na Itália fascista

O fascismo italiano teve como origem, em parte, o enfrentamento à ameaça da revolução comunista, daí ser caracterizado com frequência como contra-revolucionário. O seu sustentáculo encontrava-se nas classes da elite – aristocratas e industriais – que buscavam meios de manter seus privilégios.

Logo tiveram o apoio da classe média baixa (pequenos-burgueses), que na Europa estava comprimida entre o grande negócio e o operariado, porém o seu medo maior era em relação ao operariado. Durante as desordens do pós-guerra os capitalistas financiaram grupos nacionalistas e terroristas no enfrentamento aos comunistas e, finalmente, os apoiaram na tomada do poder político.

“O primeiro líder fascista a emergir foi Benito Mussolini (1883-1945), um camponês italiano do norte que se tornou um socialista, jornalista e agitador político, mas que mudou sua posição ideológica da esquerda para a direita. A Itália terminou a Primeira Guerra ao lado dos vencedores, porém entendeu que não recebera uma justa recompensa em território – a costa leste

do Adriático – e, em decorrência, encontrava-se amargurada e desanimada, assim como convivendo com a depressão econômica. Quando Mussolini começou a organizar politicamente os grupos de veteranos chamados fascistas – palavra oriunda do romano *fasces*, um feixe de varas e uma machadinha conduzida pelos lictores romanos como símbolo de autoridade e que fora adotado como emblema –, encontrou imediato apoio dos veteranos de guerra e foi financiado por capitalistas apavorados com o comunismo. Em 1922, o Partido Fascista realizou a famosa marcha sobre Roma

e forçou que Mussolini fosse aceito como primeiro-ministro; em seguida tornou-se ditador e assumiu o título de *Duce* – o Líder. Embora fosse alguma coisa como um “*sawdust Cesar*”, Mussolini sonhava com um Império Romano restaurado que

dominaria o Mediterrâneo.”¹²

A bem da verdade, deve ser registrado que o Duce em pouco tempo colocou a Itália em completa ordem administrativa e econômica. Somente quando, com seus discursos caricatos diretamente para a multidão entusiasmada, iniciou o seu delírio expansionista, começou a decadência do seu regime, pois suas forças armadas não corresponderam ao que delas ele esperava. Ao unir-se à Alemanha nazista, selou a sua sorte aos desígnios de Hitler.

A ascensão da Alemanha nazista

“Adolf Hitler (1889-1945) foi um austríaco que pintava quadros de propaganda e que serviu como cabo no Exército alemão durante a Primeira Guerra. Oradores eram

* N.R.: *Sawdust Cesar* – sem substância, sem conteúdo, vazio.

raros na Alemanha, contudo Hitler fora dotado com o dom da oratória¹², o que o ajudou a tornar-se líder do Partido Nacional Socialista (Partido Nazista), que tinha muitos dos objetivos e das técnicas revolucionárias dos fascistas italianos. Em 1923, Hitler falhou ao tentar tomar pela força o governo da Bavária (Golpe da Cervejaria, em Munique). Foi preso e sentenciado a cumprir pena em prisão. Aproveitou para escrever sua bíblia, o *Mein Kampf*, onde detalhou seu plano de restauração da Alemanha e de lançá-la à frente de um império de mil anos, com a raça ariana reinando sobre um mundo de estados escravos. O quanto os erros do Tratado de Versalhes influenciaram na ascensão de Hitler ao poder é muito discutido. De qualquer modo, a decadência de um mundo em depressão fez com que os alemães buscassem Hitler para elegê-lo chanceler do que viria a ser o III Reich (janeiro de 1933) e em seguida ditador com o título de Der Führer – O Líder.

Logo que assumiu o poder, convidou um grupo de financistas e gerentes industriais para começarem a trabalhar na construção das bases do ressurgimento da Alemanha como uma força no mundo. Em seis anos do mais surpreendente bem-sucedido esforço na história, ele colocou o país de volta aos seus próprios pés. Hitler utilizou-se plenamente do ressentimento alemão com o Tratado de Versalhes, repetiu a absurda mentira de que a Alemanha estava cercada por uma conspiração mundial sob o comando judeu e encorajou o povo a tomar uma posição anti-semítica.

O crescimento do nível de vida foi rápido e surpreendente. Além do mais, o povo alemão encontrava-se preso entre o crescimento do comunismo a leste e as intransigentes democracias do Oeste.¹³

Em 13 de janeiro de 1935, Hitler ocupou novamente o Sarre, favorecido por uma cláusula do Tratado de Versalhes que estabelecia a realização de um plebiscito ao final de 15 anos, em que o povo decidiria se desejava ou não seu retorno à Alemanha. O resultado foi que cerca de 91% dos votos foram favoráveis à união com a Alemanha, e Hitler considerou aquele resultado como uma clamorosa vitória do nacional-socialismo, que, a partir daquele momento, foi o único depositário do sagrado verbo do renascimento alemão.

A ocupação da Renânia

“Entrementes, a Alemanha havia ocupado e remilitarizado a Renânia, que, segundo o Tratado de Versalhes, deveria constituir-se numa zona neutra, livre de instalações militares defensivas e ofensivas, ao mesmo tempo em que iniciara aceleradamente seu rearmamento terrestre, aéreo e naval com absoluto desprezo aos tratados internacionais.”¹⁴

“A 21 de novembro, François-Poncet, o embaixador francês em Berlim, teve uma conferência com Hitler, na qual o Führer lançou ‘uma longa invectiva’ contra o Pacto Franco-Soviético de assistência mútua, assinado em 2 de março em Paris. François-Poncet informou a Paris estar convencido de que Hitler pretendia utilizar o pacto como desculpa para ocupar a desmilitarizada zona da Renânia. ‘A única hesitação de Hitler relaciona-se agora com o momento apropriado para ação’, aduziu o embaixador.

A 2 de maio, 19 dias antes de Hitler ter assegurado que respeitaria o Pacto de Locarno¹⁵ e as cláusulas territoriais de Versalhes, o General Von Blomberg dera sua primeira ordem para que se preparassem

¹²N.A - Para alguns, o mais vibrante e convincente orador do século XX.

¹³N.A - Acordo assinado na cidade suíça de Locarno entre França, Inglaterra, Itália, Bélgica e Alemanha, com propósito da manutenção da paz.

os planos no sentido da reocupação da desmilitarizada Renânia.

O Pacto Franco-Soviético foi apresentado à Câmara somente em 11 de fevereiro de 1936 e aprovado a 27, por 353 contra 164. Dois dias depois, Hitler, a 1º de março, tomou sua decisão, com certa consternação dos seus generais. A maioria deles entendia que a França demoliria as pequenas forças alemãs que haviam sido reunidas para entrar na Renânia. Não obstante, no dia seguinte, 2 de março de 1936, Blomberg transmitiria ordens formais para a ocupação da Renânia, que esperava fosse “uma operação pacífica”. Se a França se opusesse, estava prevista a urgente retirada do Reno!

Mas a França, nação paralisada pelas discórdias internas e com seu povo mergulhado no derrotismo, não desejava o confronto mesmo quando uma pequena força simbólica de tropas alemãs, em parada, cruzou as pontes do Reno a 7 de março e entrou na zona desmilitarizada. Às 10 da manhã, o ministro do Exterior convocou os embaixadores de França, Inglaterra e Itália, notificou-os a respeito das novas da Renânia e entregou-lhes uma nota formal denunciando o Tratado de Locarno, que Hitler acabava de romper, e propôs novos planos de paz.

O Serviço de Inteligência [de burrice] aliado fez uma avaliação consideravelmente maior que a força declarada por Jodl em Nuremberg: 35 mil homens, aproximadamente três divisões. Hitler comentou posteriormente: ‘A verdade é que eu contava somente com quatro brigadas’.

‘A Alemanha não se sente mais presa ao tratado de Locarno’, disse Hitler. ‘No interesse dos direitos primordiais de seu povo à segurança de sua fronteira e à sal-

vaguarda de sua defesa, o governo germânico restabeleceu, a partir de hoje, a soberania absoluta e irrestrita do Reich’ na zona desmilitarizada.’

Hitler dirigia-se a 600 deputados uniformizados, por ele escolhidos, que, tomados pela surpresa da comunicação, gritavam histericamente ‘Heils’ com os braços direitos erguidos e tesos.

‘Nesta hora histórica, em que, nas províncias ocidentais do Reich, as tropas alemãs se dirigem para suas futuras guarnições em tempo de paz, nós todos nos unimos por dois votos sagrados’. A histeria atingiu o auge. O Führer representou seu papel magnificamente. De cabeça baixa, todo humildade, esperava pacientemente pelo silêncio. (...) Então disse, numa voz profunda e reboante: ‘Senhores do Reichstag alemão!’ Silêncio absoluto. E proferiu os dois votos: ‘Primeiro, juramos não recorrer à força de nenhum modo, na restauração da honra de nosso povo (...) Segundo, prometemos que agora, mais do que nunca, nós nos empenharemos em prol do entendimento entre os povos da Europa, especialmente entre as nações vizinhas do Ocidente (...) A Alemanha não tem reivindicações territoriais na Europa (...). A Alemanha jamais romperá a paz!’^{15**}

A ocupação da Renânia determinou a ascendência de Hitler sobre seus generais, todos eles temerosos, porém tecnicamente com razão, pois se a França houvesse decidido opor-se, marcharia com seu exército até Berlim. Mas a França vacilou. O aviso do embaixador François-Poncet foi ignorado.

“O Alto-Comando francês perguntava ao governo o que deveria fazer caso o embaixador estivesse certo. A resposta foi de que o governo trataria do assunto por intermédio da Liga das Nações. Na realidade, ao se

*N.A. Império.

**N.A. A cena, descrita por William L. Shirer em *Ascensão e queda do III Reich* e anotada em seu diário, foi por ele presenciada.

dar o golpe, o governo francês quis agir, mas o Estado-Maior Geral recuou. O General Gamelin, segundo François-Poncet, advertiu que uma operação de guerra, embora limitada, pressupunha riscos incalculáveis e não poderia ser empreendida sem uma mobilização geral." O máximo que o General Gamelin fez foi concentrar 13 divisões próximas à fronteira germânica, simplesmente para reforçar a Linha Maginot. Mesmo isso foi suficiente para alarmar o Alto-Comando alemão. Blomberg, apoiado por Jodl e pela maioria dos oficiais de alta patente, quis recuar os três batalhões que tinham atravessado o Reno. Segundo testemunho de Jodl em Nuremberg, "considerando a situação em que nos encontrávamos, o exército de cobertura francês poderia ter nos liquidado".

O próprio Hitler admitiu a possibilidade. "Uma retirada de nossa parte teria ocasionado o colapso". Apenas os nervos de aço de Hitler naquele mo-

mento, como durante muitas crises que enfrentara, salvaram a situação. Mas aquele não foi um momento fácil para ele.

"As 48 horas que se seguiram à marcha para a Renânia [de acordo com o que ouviu seu intérprete Paul Schmidt] foram as mais torturantes de minha vida. Se os franceses tivessem se dirigido para a Renânia, teríamos que nos retirar com o rabo entre as pernas, pois os recursos militares à nossa disposição eram completamente inadequados, mesmo para uma resistência moderada."

O articulista fez esta longa e talvez desnecessária digressão com o propósito de mostrar que mesmo povos desenvolvidos e com alto grau de educação colocam políticos pusilânimes e incompetentes para comandar os destinos das respectivas nações

"O que teria acontecido", questionou Hitler numa enorme assembléia com seus companheiros no quartel-general, na noite de 27 de março de 1942, evocando o golpe da Renânia, "se qualquer outro que não eu mesmo estivesse à frente do Reich? Quem quer que mencionásseis, teria se descontrolado. Fui obrigado a mentir, e o que nos salvou foi a minha inquebrantável obstinação e minha assombrosa firmeza."

"É verdade. Mas também deve-se recordar que ele foi ajudado tanto pelas hesitações dos

franceses quanto pela passividade de seus aliados britânicos. (...) A Inglaterra não queria se arriscar a uma guerra, ainda que a superioridade militar sobre os alemães fosse esmagadora. O ministro do Exterior francês, Pierre Étienne Flandin, voou a Londres no dia 11 de março e pediu ao governo britânico para apoiar a França numa contração militar na Renânia. Seus rogos foram baldados. Já antes de o ministro francês chegar a

Londres, Anthony Eden, que se tornara secretário do Exterior no mês de dezembro anterior, dissera na Câmara dos Comuns, a 9 de março: 'A ocupação da Renânia pelo Reichswehr desfez um pesado golpe sobre o princípio da santidade dos tratados'. E agregou: 'Felizmente não temos motivos para supor que a atual ação da Alemanha constitua uma ameaça de hostilidade'.

Apesar de tudo, a França estava autorizada, pelos termos do Tratado de Locarno, a tomar medidas militares contra a presen-

*N.R.: O General Maurice Gamelin foi o primeiro Chefe da Missão Militar da França no Brasil, em 1920.

ça de tropas alemãs na zona desmilitarizada, e a Inglaterra estava obrigada pelo referido tratado a apoiá-la com suas próprias forças armadas. As malogradas conversações de Londres confirmaram a Hitler que ele ganhara o seu último jogo.”¹⁶



O articulista fez esta longa e talvez desnecessária digressão com o propósito de mostrar que mesmo povos desenvolvidos e com alto grau de educação colocam políticos pusilânimes e incompetentes para comandar os destinos das respectivas nações.

É fácil ser profeta de fatos. Contudo, o maior dos fatos constituiu em permitir que Adolf Hitler, que deveria e poderia ser facilmente eliminado em sua primeira cartada, fosse deixado à vontade para prosseguir o seu caminho e determinar a maior catástrofe da História.

Enquanto Hitler ousou, blefando como um exímio jogador de pôquer, os governos das democracias parlamentares da França e da Inglaterra covardemente titubearam, sem que uma voz nesses parlamentos fosse levantada em sinal de alerta, e o General Gamelin, procurando justificar sua tibieza com palavras de pseudotecnicismo militar, tomava posição defensiva com 13 divisões abrigadas⁷ na Linha Maginot, divisões estas mais que suficientes para marchar até Berlim e derrubar o regime nazista e seu Führer.



A atuação de Hitler

Vejamos agora como Samuel Elliot Morison analisou a situação.

“Havia um tema em relação ao qual a grande maioria do povo americano concor-

dava – quando durante o experimento do New Deal ele não tinha nada com o que concordar –, e este era se a Europa fosse tão estúpida para começar outra guerra, os EUA deveriam resolutamente manter-se fora. Roosevelt refletiu este sentimento ao não mencionar as relações exteriores no discurso com que inaugurou o seu segundo mandato, em 20 de janeiro de 1937.

O sistema de segurança coletiva estabelecido pela Liga das Nações não conseguia inibir a agressão de ditadores ou oligarquias. Hitler, em 1935, como vimos, denunciou as cláusulas de desarmamento do Tratado de Versalhes e um ano depois ocupava a Renânia, e ninguém tomou qualquer providência para impedi-lo. Em relação à Itália, já em guerra com a Etiópia, a Liga das Nações aplicou algumas sanções econômicas, porém, em maio de 1936, o firme Imperador Haile Selassie, no exílio, viu sua pátria anexada à Itália. Naquele verão, o General Franco iniciou a guerra civil na Espanha; no outono, Hitler e Mussolini estabeleceram o ‘Eixo Roma-Berlim’. E antes do segundo mandato o Japão estava profundamente engajado em uma guerra não declarada com a China. Havia, certamente, inúmeros avisos de uma próxima *débâcle* internacional, que Roosevelt teve o cuidado de não mencionar. Ele, sem dúvida, controlou-se ao fazê-lo, porque qualquer coisa que dissesse haveria criado violentas dissensões entre grupos e partidos dos quais ele dependia para continuar seu programa doméstico.

De todos esses maus presságios, o mais sinistro era a ascensão de Adolf Hitler. O controle desse paranóico sem educação sobre o povo alemão, este com sua longa tradição de cultura e decência (para os quais sempre retornou), é um fenômeno de difícil explicação mesmo para os alemães.

⁷N.A.: Escondidas.

Hitler cresceu com a maré de ressentimentos sobre o Tratado de Versalhes (....). Provavelmente, a conclusão a que Franklin Roosevelt chegou foi a correta. Hitler, um fanático frustrado, alicerçou o Partido Nazista no ódio residual, no barbarismo e na crueldade. Ele odiava os judeus, odiava a democracia, odiava a religião cristã, na qual fora educado, odiava todos os estrangeiros

Führer pretendia iniciar a guerra em 1943, quando, principalmente em relação à Marinha, teria o número de submarinos suficiente para uma rápida vitória, se não ocorresse uma oportunidade antes, como ele esperava que acontecesse. Os que apresentaram objeções foram demitidos.

Os sinos soaram para a Áustria em março de 1938, quando Hitler invadiu aquele

EXPANSION OF NAZI POWER

Germany and Satellites at height of Nazi power
Neutral Nations
International boundaries overruled by Germany and Russia
Boundary of "Great Germany"

The Stream of American History, Third Edition,
American Book Company, New York,
1965, p. 674



ros e em geral tudo o que fosse bom, verdadeiro ou belo.”

Em um encontro com seu ministro das Relações Exteriores e seus generais mais graduados, anunciou seus planos de conquistas em 5 de novembro de 1937. O objetivo era conquistar mais territórios para a Alemanha, no coração da Europa. Isto só poderia ser conseguido pela força. O

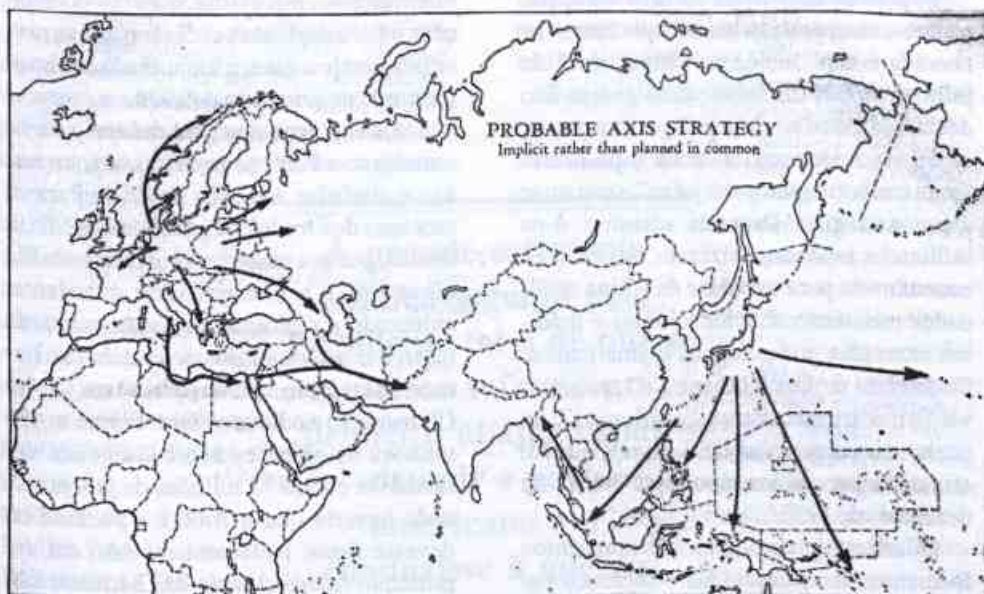
resto do Império Habsburgo e anexou-o à Alemanha; ninguém o enfrentou. A próxima vítima seria a Tchecoslováquia. O Estado criado após a Primeira Guerra, que fazia parte do Império Austro-Húngaro, havia prosperado desde 1920 sob a direção de estadistas capazes como Massarik e Benes. Mas na sua parte ocidental encontrava-se a Sudetolândia, habitada em sua maioria

“N.A.: A história é sempre escrita pelos vencedores, segundo Napoleão. “Hitler é um fenômeno de difícil explicação.” Mas certamente não deixou de ser um fenômeno.

por alemães, que constituíam a classe dominante sob o domínio austríaco e que olhavam para os eslavos tchecos e eslovacos com ódio e desprezo e saudavam Hitler como o salvador alemão que os colocariam novamente por cima. Em maio de 1938, decidiu atacar a Tchecoslováquia, dividi-la ou

deixar o país para não serem presos; os judeus foram mortos de qualquer maneira.

Hitler ainda não se acalmara. Em março de 1939, novamente quebrou sua solene promessa, moveu seu exército até Praga, dividiu o restante da Tchecoslováquia em dois estados-satélites da Alemanha e, no-



The Stream of American History, Third Edition, American Book Company, New York, 1965, p. 673

anexá-la. Neville Chamberlain, o primeiro-ministro britânico, visitou Hitler em setembro de 1938 e foi completamente iludido pela promessa do Führer de que ele desejava apenas uma faixa do território onde viviam aqueles que falavam o alemão. No encontro final em Munique, em 28-29 de setembro, Chamberlain, Mussolini e o primeiro-ministro francês Deladier concordaram com os termos de Hitler; e Chamberlain, ao retornar à Inglaterra, anunciou alegremente "paz em nosso tempo".

No ano de 1938, Hitler anexou e colocou sob seu absoluto domínio 6,7 milhões de austríacos e 3,5 milhões de súditos alemães. (...) Os austríacos e tchecos que não concordassem em juntar-se ao Reich alemão deveriam

vamente, com todo o cinismo, afirmou que ele agora possuía tudo o que queria.

Mussolini seguiu-o, invadindo e conquistando a Albânia."

O militarismo japonês

No outro lado do mundo, os militaristas japoneses, buscando no seu vago e distante passado o *slogan* "Hakko ichin" – "trazendo os oito cantos do mundo sob um único teto" –, agiam com rapidez. Suas ambições lembravam as dos nazistas. Tinham as mesmas idéias étnicas de expansão; no caso, um império no leste da Ásia. Desagregar e anular a China era um bom começo para a conquista de todas as colônias ou

dependências européias e americanas na Ásia – Índia, Burma, Indonésia, Indochina, e Filipinas – sob a hegemonia japonesa. O Imperador Hiroito deplorava essas tendências, porém nada poderia ter feito diante de um movimento que invocava seu nome e usava sua autoridade moral.*

Depois de uma troca de tiros entre patrulhas chinesas e japonesas, que ficou conhecida como Incidente China, em 7 de julho de 1937, iniciou-se uma guerra não declarada entre os dois países. O governo americano concentrou-se na diplomacia “para trazer o Japão a seu juízo” e restaurar a paz na região. De nada adiantou, e os militantes japoneses fizeram um esforço concentrado para expulsar da China atividades missionárias, educacionais e médicas exercidas por europeus e americanos. Ocorreram muitos incidentes. O mais grave foi o bombardeio “acidental” da canhoneira americana USS *Paney*, que foi afundada por aviões japoneses em 12 de dezembro de 1937.

Quando o governo japonês apresentou formalmente as desculpas e ofereceu pagar indenização às vítimas, um suspiro de alívio cobriu toda a América. Pesquisa efetuada pelo Instituto Gallup conduzida durante a segunda semana de janeiro de 1938 indicava que 70% dos americanos com conhecimento do evento mostraram-se favoráveis à completa retirada da China – os navios da Esquadra da Ásia, os fuzileiros, os missionários, missões médicas etc.

Em 1939 os japoneses capturaram Xangai e passaram a tornar intolerável a vida de americanos e europeus na parte internacional da cidade.

AREACÃO DA AMÉRICA

Roosevelt tomou a primeira medida mais séria para que o Japão parasse, olhasse e ouvisse. Denunciou, em 26 de julho de 1939, o tratado comercial existente com o Japão. Essa iniciativa recebeu apoio unânime, inclusive dos isolacionistas. As relações nipo-americanas encontravam-se nesse pé quando a guerra foi iniciada na Europa, em 1º de setembro de 1939.

Os sinos acabavam de dobrar para os americanos. Porém suas notas soaram turvas e abafadas aos seus ouvidos. Para as ameaças dos lordes da guerra, na média, a opinião pública mostrava-se indiferente. Ela olhava para a Europa como decadente, cultuando a diplomacia secreta, a luta de classes e a evasão dos seus débitos. Lamentava pelo povo chinês (“John Chinaman”) e odiava os *japs*. Porém se 450 milhões de chineses não conseguiram defender-se contra 73 milhões de japoneses, nada haveria que a América pudesse ou devesse fazer. Isolacionismo não era um princípio razoável atrás das barreiras impostas pelos dois oceanos. Mas que obrigações caberiam aos americanos para resolver as questões de um mundo dividido? Os americanos, após a Primeira Guerra, nunca deixaram de reconhecer haver sido um erro sua intervenção no conflito, que, no julgamento do povo, haveria terminado sem vencedores. Apurações posteriores levadas a cabo pelo Senador Nye conduziram à conclusão de a influência de banqueiros e fabricantes de armamento, que obtiveram enormes lucros com a guerra, ter sido vital para que os EUA entrassem no

*N.A. O Imperador Hiroito sempre esteve ciente da política militarista japonesa. Nada poderia ter sido feito contra sua vontade. Foi relacionado na lista de criminosos de guerra. O perigo de o Japão derrotado cair sob o jugo comunista era real. A visão política do general Douglas MacArthur, grande responsável pelo soerguimento do Japão e o senhor todo-poderoso durante a ocupação, manobrou com inteligência e firmeza e conseguiu que Hiroito permanecesse no trono apenas como um homem. Não seria mais um deus.¹⁷

conflito. O Pacto Kellogg-Briand, assinado em 1928, incentivado pelos EUA, determinou a ilegalidade da guerra. Se o lucro dos banqueiros e fabricantes de armas (mercadores da morte) pudesse ser eliminado, não haveria mais guerras.

O Ato de Neutralidade passou no Congresso entre 1935 e 1939, teve sua aprovação parcial pelo Presidente, porém foi por ele assinado. Proibia a venda e o transporte de armas e munição para beligerantes, empréstimos privados para estes e a entrada de navios americanos nas zonas de guerra.

Todos ignoravam o aviso de Woodrow Wilson de que só haveria uma maneira de evitar a entrada da América em outra guerra mundial, e esta seria impedir que ela começasse.

ROOSEVELT TOMA POSIÇÃO OSTENSIVA AO LADO DAS DEMOCRACIAS

A lei, segundo o Ato de Neutralidade, estabelecia claramente: "Mantenham-nos fora da guerra". Todavia, como observou o Presidente mais tarde, "nosso embargo de armas atua em benefício das nações agressoras", Alemanha, Japão e, em grau menor, a Itália, que estavam febrilmente se preparando para a guerra em terra, no mar e no ar. França, Inglaterra e Rússia apenas iniciavam os respectivos preparos, e a legislação de neutralidade americana assegurava ao Eixo que quando este estivesse pronto para atacar suas vítimas não poderiam contar com o auxílio americano.

Roosevelt olhava com preocupação cada vez maior as ameaças à paz na Europa e na Ásia. Falando em Chicago imediatamente após o Incidente na China, em 1937,

apresentou a proposta de uma quarentena contra as nações agressoras. "Se o desrespeito à lei e a violência raivosa não forem contidas", advertia, "não pensem que a América escapará, que a América pode esperar piedade, que o Hemisfério Ocidental não será atacado". Estas proféticas palavras não tiveram resposta popular, e muitos setores acusaram-no de ser um incentivador da guerra.

Em janeiro de 1938, Roosevelt propôs ao governo inglês uma conferência dos líderes das potências européias em Washington para discutir as causas dos distúrbios na Europa. Chamberlain descartou-a sem discussão; ele preferia a diplomacia de apaziguamento com Hitler e esclareceu que não era problema britânico o que ocorria na China. Em setembro, o Presidente fez lembrar aos signatários do Pacto Kellogg-Briand suas responsabilidades com a manutenção da paz e ape-

lou para arbitragem na questão dos sudetos. Em 14 de abril de 1939, enviou mensagem pessoal a Hitler e a Mussolini e solicitou que durante dez anos não atacassem cerca de 20 países pequenos na Europa. Hitler respondeu de modo insultante e assegurou a Roosevelt que eles não tinham causa para temer o bom vizinho alemão. Mussolini primeiro recusou-se a ler a mensagem, então, com escárnio, respondeu que ela "era fruto da paralisia infantil".

O próximo passo de Hitler foi a invasão da Polônia e a declaração de guerra por parte da França e da Inglaterra.¹⁸

A grande estratégia política seguida pelo Presidente foi a de que a América sofresse um primeiro ataque capaz de unir o povo americano e o conduzisse à guerra



Após a queda da França, a campanha dos submarinos alemães e os ataques da aviação nazista colocaram a Inglaterra de joelhos. Se o Reino Unido capitulasse, a posição de Hitler tomar-se-ia extremamente forte, inclusive com a probabilidade do controle da Marinha Real. Assim, sua futura decisão de invadir a Rússia, quem sabe, poderia ter tido resultado diverso, com conseqüências imprevisíveis para os EUA.

Roosevelt travou no Atlântico uma guerra não declarada contra a Alemanha que permitia à Inglaterra respirar. Hitler "engolia sapos", pois não estava em seus planos a guerra contra os EUA, pelo menos naquele momento.

A opinião pública não aceitava a entrada de seu país na guerra, embora em sua grande maioria se opusesse ao nazismo. Afinal, de que valera o sacrifício em prol da democracia imposto à juventude americana na Primeira Guerra Mundial? A Europa não tinha mesmo jeito. Que ela resolvesse os novos problemas por ela criados, argumentavam os isolacionistas, capitaneados por Henry Ford e Charles Lindberg, o grande herói americano.

Roosevelt, em campanha para reeleição, prometia à Nação que não enviaria seus jovens para lutar no exterior; aos amigos mais próximos confidenciava: a não ser que a América seja atacada.

O Presidente, já reeleito para o terceiro mandato, enfrentava terrível dilema, qual seja, o de levar o país à guerra rejeitada por seu povo, com o conseqüente sacrifício de sua juventude que ele não tinha quanto quantificar ou o de permitir a expansão nazista, com todos os males que ele, Roosevelt, previa para a humanidade.

A grande estratégia política seguida pelo Presidente foi a de que a América sofresse um primeiro ataque capaz de unir o povo americano e o conduziisse à guerra.

Em meados de setembro de 1940, a Alemanha e a Itália assinaram um pacto de assistência mútua com o Japão. O Pacto Tripartite, como ficou conhecido, obrigava seus signatários a dar assistência a qualquer dos outros que fosse atacado, entrando em guerra contra a nação agressora. Inequivocamente, um acordo formulado para conter os EUA.

Para o governo Roosevelt, o Pacto Tripartite caía como uma luva em favor da estratégia elaborada para levar os EUA à guerra contra a Alemanha nazista, o grande inimigo visualizado por Roosevelt.

Se a Alemanha, apesar de todas as iniciativas tomadas por Roosevelt, não revidasse, a questão agora se tornaria mais factível. A grande estratégia resumir-se-ia em pressionar o Japão economicamente de modo a não dar senão a opção da guerra aos militaristas japoneses.

O AUXÍLIO À INGLATERRA

Enquanto Roosevelt providenciava a mobilização para a guerra e buscava o apoio do Congresso, "foram iniciadas as primeiras etapas para um auxílio direto à Grã-Bretanha, na crença de que a segurança da América e seu destino estavam ligados ao sucesso das armas Aliadas. Sob este entendimento de auxílio aos Aliados, os EUA abandonaram todas as suas pretensões de neutralidade e caminhavam para a beira da guerra".

"Por esse apoio", disse o Presidente ao Congresso, em sua mensagem de 6 de janeiro de 1941, "expressamos com determinação que a causa da democracia prevalecerá, e nós fortaleceremos a segurança e a defesa de nossa própria Nação."¹⁹

Em 2 de setembro de 1940, Roosevelt anunciou a famosa "Negociação dos Destróieres" com a Grã-Bretanha, na qual os EUA adquiriram o direito de construir

bases aéreas e navais na Terra Nova, Bermudas, Bahamas, Jamaica, Santa Lúcia, Trinidad, Antígua e Guiana Inglesa. "O direito de construir bases na Terra Nova e Bermudas são presentes generosamente dados e recebidos. As outras bases mencionadas foram adquiridas em troca de 50 velhos destróieres."²⁰

A tese de a segurança da América estar ligada à Comunidade Britânica de Nações enfrentou severo teste quando os britânicos encontraram-se na posição de não poder pagar pelo que recebiam. O Ato de Neutralidade de 1939 proibia auxílio a beligerantes. A Inglaterra, dependente do suprimento de bens americanos, não possuía recursos para o pagamento à vista. A maneira de como contornar o Ato de Neutralidade foi levantada. Em 8 de dezembro de 1940, Roosevelt, em conferência com a imprensa, expressou que havia encontrado a solução: sugeriu que o armamento para a Inglaterra seria emprestado. Em seguida, a 29 de dezembro, em comunicado pelo rádio à nação, especificou que o auxílio aos britânicos passaria a ser uma questão de segurança nacional. Se a Inglaterra sucumbisse, "todos nós nas Américas passaríamos a viver sob a mira de um canhão".²¹

"A proposta para a Lei de Empréstimo e Arrendamento foi apresentada pelo chefe do Executivo ao Congresso em 6 de janeiro de 1941, quando declarou que era este um momento sem precedentes na história da União, 'porque em nenhuma outra ocasião a segurança dos americanos estivera tão seriamente ameaçada com agora', e falando pausadamente, sempre intercalando com entonações mais altas, quase chegando a gritar, Roosevelt afirmou: '(...) nossa mais profícua e urgente regra é atuar como um arsenal para eles e também para nós'. O Presidente dirigiu-se acima da Nação para dizer às democracias do mundo e particularmente à Grã-Bretanha: 'Nós america-

nos estamos virtualmente empenhados na defesa da liberdade. Estamos colocando todas nossas energias, nossos recursos e nossa capacidade de organização em benefício da permanência e manutenção do mundo livre. Enviar-lhe-emos sempre em números crescentes navios, aviões, tanques e canhões. Este é o nosso propósito e o nosso empenho'."²²

A maior parte da opinião pública apoiou as medidas enunciadas e concordava que a América deveria alistar-se ao lado das nações democráticas e que não deveria parar os fornecimentos, mesmo quando as nações democráticas auxiliadas não tivessem como pagar. Outros, no entanto, argumentavam que nenhuma nação pode abertamente auxiliar um beligerante e pretender ser neutra. Havia somente uma conclusão, segundo o *Detroit Free Press*: "Nós somos um participante para salvar a Inglaterra. Nós estamos na guerra sem haver uma guerra declarada!".

Contudo, entre os políticos, houve amarga oposição à Lei de Empréstimo e Arrendamento, que, no entanto, recebia o apoio da opinião pública, que a considerava essencial para manter a guerra longe da América. A habilidade política de Roosevelt contornou as dificuldades, e o Presidente assinou-a em 11 de março de 1941. No mesmo dia, aprovou uma lista de itens para serem imediatamente embarcados e solicitou ao Congresso uma apropriação inicial de 7 bilhões de dólares para implementá-la.

A legislação proibia aos americanos a formação de comboios e também a entrada de navios americanos em zonas de combate, porém, por outro lado, foi dado ao Presidente amplo poder na elaboração de qualquer outra lei.

Outro importante passo na aquisição de novas bases e para a segurança das linhas marítimas de comunicação para a Inglaterra foi conseguido com a ocupação da Groelândia e da Islândia pelos EUA na pri-

mavera de 1941. A Conferência do Panamá proclamou a neutralidade de uma zona marítima em torno das Américas que variava de 300 a 1.000 milhas, e os beligerantes foram advertidos para não usá-la militarmente. Os legisladores, ao elaborarem a Lei de Empréstimo e Arrendamento, proibiram a proteção de comboios pela Marinha, o que deixa claro que estavam determinados a prevenir incidentes com submarinos que pudessem levar o país à guerra.

"A despeito da garantia do Executivo, durante os debates sobre a Lei de Empréstimo e Arrendamento, de que não seriam usados comboios, o assunto foi discutido entre os estados-maiores do Reino Unido e dos EUA, sendo concluído, em 27 de março de 1941, um acordo que autorizava os EUA a assumirem a responsabilidade para a 'organização de uma força de escolta aos comboios'.

Em 13 de novembro do mesmo ano, o Ato de Neutralidade foi anulado, o que significou os navios americanos poderem entrar em águas européias e, desse modo, incrementar o auxílio à Grã-Bretanha.

Com a aprovação da Lei de Empréstimo e Arrendamento e a proteção dos comboios, a América virtualmente encontrava-se em guerra com a Alemanha. Faltava apenas a declaração formal, mas Hitler não estava obrigado a tomar essa iniciativa. O Presidente, por seu turno, não solicitou ao Congresso a declaração formal de guerra, pois não queria enfrentar o poder dos isolacionistas, ainda muito forte.

O Almirante Harold R. Stark, comandante de Operações Navais, resumiu o quadro em 7 de novembro de 1941: 'A Marinha já está em guerra no Atlântico, porém o país não percebe. A apatia, do ponto de vista da oposição, é evidente em considerável parte da imprensa. O país pode saber ou não, mas nós estamos em guerra.'

Sentimentos de paz e apatia cedo foram sacudidos pelas bombas em Pearl Harbor; porém, até então, os EUA estavam oficialmente em paz".²³

A Marinha já está em guerra no Atlântico, porém o país não percebe. A apatia, do ponto de vista da oposição, é evidente em considerável parte da imprensa. O país pode saber ou não, mas nós estamos em guerra

Almirante Harold Stark

FRANKLIN ROOSEVELT E AS FORÇAS ARMADAS

Roosevelt, desde o início de sua administração, a despeito da grande depressão, preocupou-se em fortalecer o Exército e, principalmente, a Marinha. Porém foi após a queda da França que uma enorme expansão dos estabelecimentos navais foi iniciada, com vistas ao crescimento do programa de construção naval.

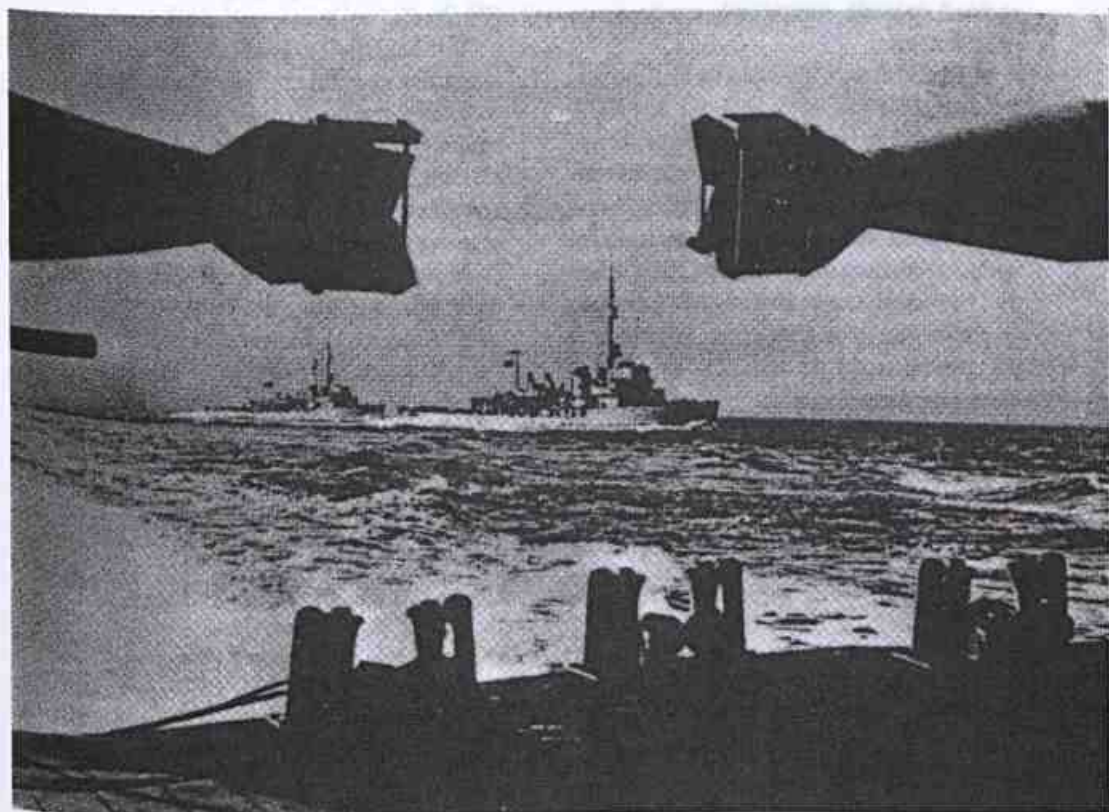
A meta a ser atingida para a aviação naval cresceu para 15 mil aviões, e a autorização para o efetivo de pessoal aumentou para 232 mil homens. Este fabuloso programa significou que, enquanto em junho de 1940 haviam somente 12 estaleiros privados construindo para a Marinha, em junho de 1941 esse número havia crescido para 108. Nessa data existiam 697 navios em construção. Foram encomendados 2.059 novos aviões nos 12 meses que se seguiram a junho de 1940, em comparação com 306 do ano anterior.

²³ N.A. Exatamente um mês antes do ataque japonês a Pearl Harbor.

O pessoal, incluídos os Fuzileiros Navais e a Guarda Costeira, do total de 146.198 em 8 de setembro de 1939, atingiu 420.552 em 7 de dezembro de 1941. Particularmente difícil foi a questão da oficialidade. Em 1940, a estimativa era da necessidade de 12.200 novos oficiais, mas este número cresceu para 26 mil em 1941. A fim de enfrentar o problema, foi colocada ênfase no Progra-

comissionamento direto de civis devidamente qualificados, pois a necessidade de oficiais era crescente.²⁴

“Após a crise de Munique de 1938, cresceu nos EUA a crença de que o poder aéreo seria um fator preponderante na guerra que se mostrava inevitável na Europa e que a América estava atrasada, quantitativamente e do ponto de vista técnico, na



Torpederos americanos patrullando por el Atlántico. Durante los primeros dos años del conflicto, la confianza estadounidense en la inviolabilidad de sus costas fue causa de graves pérdidas ocasionadas por los submarinos alemanes, pérdidas que habrían podido ser mucho mayores si las unidades alemanas hubiesen tenido mayor autonomía y, sobre todo, si Hitler hubiera dado libertad de acción al almirante Dönitz.

(Martinelli, Franco. História de los Estados Unidos, p. 303)

ma para Oficiais da Reserva, e o curso da Academia Naval de Anápolis foi condensado para três anos. Todavia, com o início das hostilidades, a Marinha só conseguiu solucioná-lo permitindo o

fabricação de aeronaves. O Presidente incentivou um plano, anunciando, em 16 de outubro de 1938, a fabricação em massa de certos tipos de aviões, tendo o cuidado de não se descuidar do desenvolvimento de

tipos mais velozes que colocassem os americanos à frente dos alemães.

Foi decidido, em 11 de janeiro de 1939, concentrar a produção anual em 6 mil aeronaves. A 12 de janeiro, o Presidente solicitou ao Congresso 300 milhões de dólares para a referida aquisição e a autorização para o treinamento de 20 mil pilotos civis por ano. A legislação passou no Congresso em 3 de abril, autorizando a mensagem presidencial.

À medida que a situação na Europa tornava-se mais grave, o governo dos EUA respondia com mais recursos para as unidades aéreas, ao mesmo tempo em que aumentava a pressão para a instituição de uma Força Aérea independente. A questão foi temporariamente resolvida, em 20 de junho de 1941, com a criação da Força Aérea do Exército, que ficou com a responsabilidade da consolidação de todas as atividades aéreas daquela Força.

Uma surpreendente maneira para avaliar a tremenda expansão da Força Aérea é comparar seu *status* em 1938 com aquele no início da guerra. Em 1938, o efetivo era de 22 mil homens, ao tempo em que a Luftwaffe treinava um milhão. A força do pessoal alistado cresceu de 20 mil para mais de 180 mil, sendo que o número de oficiais aumentou de 2 mil para aproximadamente 17 mil.

Durante 1940 e 1941, de expansão em expansão ocorrida, o programa chamou para treinamento 30 mil pilotos, 10 mil especialistas bombardeiros e navegadores e 100 mil mecânicos e técnicos por ano, para guarnecer 84 grupos, os quais, se esses objetivos fossem atingidos, dariam à Força Aérea um poder de 41 mil oficiais e 600 mil graduados e praças.²³

A América despertara para a guerra e passou a constituir-se no "Arsenal das Democracias".

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

HISTÓRIA> História dos Estados Unidos; Segunda Guerra Mundial; Hoover, Herbert; História da Alemanha; História da Itália; História do Japão;

BIBLIOGRAFIA

Foram utilizados no presente artigo as seguintes referências: Franco Martinelli – *História de los Estados Unidos*; Leland D. Baldwin e Robert Kelley – *The Stream of American History*; Samuel Eliot Morison – *The Oxford History of American People*; C. J. Bernardo e E. H. Bacon – *American Military Policy*; Edward Behr – *Hiroito, por trás da lenda*; William L. Shirer – *Ascensão e Queda do III Reich*. Foram livres as traduções do inglês e do espanhol, que sofreram algumas adaptações feitas pelo articulista.

1. Morison, Samuel Eliot – *The Oxford History of the American People*, vol. Three, Mentor book from New American Library. New York and Scarborough, Ontario. The New English Library Limited, London, 1972, p. 291.
2. Ib, p. 293.
3. Ib, p. 295.
4. Ib.
5. Ib, p. 296.
6. Ib, p. 297.
7. Baldwin, Leland D. e Kelley, Robert. *The Stream of American History*, Third Edition, American Book Company, New York, 1965, p. 665.
8. Ib.
9. Ib, p. 666.
10. Ib, p. 667.
11. Ib.
12. Ib.
13. Ib, p. 668.
14. Martinelli, Franco. *História de los Estados Unidos*, Tomo II, Editorial De Vecchi., Barcelona, 1973, p. 268.
15. Shirer, L. William. *Ascensão e Queda do III Reich*, 2º volume, Editora Civilização Brasileira, Tradução de Pedro Pomar, Rio de Janeiro, 1962, p. 26 a 29.
16. Ib, p. 29 a 32.
17. Behr, Edward. *Hiroito, por trás da lenda*. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves, Ed. Globo S/A, São Paulo, 1989, cap. 18 a 24.
18. Morrison, Samuel Eliot. Op. Cit., p. 842 a 847.
19. Bernardo, C. Ioseph, Major Ordenance Corps and Bacon, Eugene H, PL. D. *American Military Policy, its development Since 1775*. The Military Service Publishing Co., Harrisburg, Pennsylvania, 1955, p. 410.
20. Ib.
21. Ib, p. 411.
22. Ib.
23. Ib, p. 411 a 414.
24. Ib, p. 416.
25. Ib, p. 417 a 419.